

O FACEBOOK COMO FERRAMENTA ÚTIL AO ENSINO DE HISTÓRIA: limitações e possibilidades

Andreia Costa Souza¹
Luis Rafael da Silva Valadão²

61

Resumo: Este estudo apresenta uma proposta de ensino e aprendizagem que utiliza como suporte páginas do Facebook que tratam de temáticas históricas pertinentes ao conteúdo curricular do 9º ano do Ensino Fundamental. Tendo em vista que temas da história contemporânea são tratados quase cotidianamente em páginas voltadas ao Ensino de História e/ou Historiografia na referida rede social, os/as discentes foram orientados a realizar um estudo desses conteúdos em páginas indicadas pela professora de história, sendo também desafiados a identificar relações entre os temas estudados em sala com discussões e notícias recentes circuladas no Facebook. Os resultados desta proposta pedagógica pouco tradicional apresentaram desafios e condições positivas ao Ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História. Facebook. Redes Sociais.

Abstract: This study presents a proposal of teaching and learning that uses as support some Facebook websites that are about historical thematic related to the syllabus of 9th year of Elementary Education. The students were instructed to make an study of those contents in websites indicated by the history teacher, taking into account that topics of the Contemporary History are studied almost every day in websites of teaching of History or/and Historiography in the mentioned social network. They are challenged to identify relationships between the topics studied in the classroom with discussions and recent news available in Facebook. The results of this less traditional pedagogical proposal presented challenges and positive conditions to the History Teaching.

Keywords: History Teaching. Facebook. Social Networks.

Introdução

¹Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Araguaína. Professora efetiva da Prefeitura Municipal de Conceição do Araguaia. E-mail: andreiacostasouza@gmail.com

²Pós-graduado em Educação para a diversidade: Direitos Humanos e Cidadania, Universidade Federal de Goiás (UFG). Licenciado em História pela Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM. E-mail: rafael22valadao@gmail.com

Recebido em 17/05/2019

Aprovado em 30/05/2-19

Nas últimas décadas, o acesso e a difusão de informações ganhou uma velocidade inimaginável. Da mesma forma, os modos de produzir e divulgar o conhecimento histórico também se diversificam e ampliam. As tradicionais fontes históricas, antes restritas ao crivo do historiador profissional, tomam formatos digitais e tornam-se igualmente acessíveis a alunos e professores. Redes sociais como o Facebook, vistas muitas vezes de modo pejorativo por ocupar longas horas diárias de adolescentes e jovens, têm demonstrado seu potencial como fonte de informação e espaço de debate público entre diferentes vertentes de pensamento e grupos sociais.

Neste texto são apresentados os resultados de uma prática pedagógica utilizada em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Maria Aparecida Rosa, no município de Conceição do Araguaia - Pará. O objetivo central da pesquisa foi desenvolver um estudo de caso a partir da análise do uso do Facebook em uma atividade extraclasse proposta aos alunos, buscando compreender as potencialidades da rede social como ferramenta de pesquisa e suporte do processo de ensino-aprendizagem em História.

Como objetivos secundários, o trabalho desenvolvido procurou: instigar a pesquisa em espaços virtuais; estimular o uso das redes sociais pelos discentes de forma construtiva através do Ensino de História; promover a curiosidade e o entendimento dos conteúdos estudados em sala através de conexões com os debates políticos e históricos do tempo presente. Em resumo, buscamos favorecer a formação de posturas críticas e conscientes do cenário histórico-político em que vivemos, acreditando no princípio que tal tarefa cabe ao ensino de história.

Com o intuito de estimular uma aprendizagem onde a pesquisa é fator primordial de construção do conhecimento e a história é compreendida por intermédio de analogias dos eventos e estruturas sociais do passado e suas ramificações no tempo presente, os temas estudados em sala foram retomados no momento da pesquisa sob um novo olhar. Buscou-se compreender a pesquisa como princípio educativo, admitindo que o educar pela pesquisa implica em assumir a investigação como prática inerente à atividade docente e também discente (DEMO, 1997).

Na busca de uma construção autônoma e consciente do conhecimento histórico, os alunos também são percebidos com um olhar diferente do tradicional. É importante destacar que eles são sujeitos históricos e sociais, inseridos em um contexto sociocultural peculiar e devem ser estimulados a adotar postura ativa e crítica nos processos de aprendizagem. De acordo com Beruti & Marques, (2009, p. 31),

(...) não se pode ignorar o fato de que os alunos, ao viverem e experienciarem a História no tempo presente, vivem e participam da construção de um tempo da História carregado de questões, problemas que precisam ser compreendidos, explicados, para que os estudantes se tornem conscientes de sua ação sobre o mundo e possam se engajar na sua transformação.

Diante da radical mudança ocorrida na produção e difusão do conhecimento histórico nas últimas décadas e de uma realidade política atribulada e instável, nacional e internacionalmente, a pesquisa e a análise atenta às repercussões e abordagens atuais dos temas estudados são cada vez mais cruciais ao ensino de história. Com o uso de uma “nova ferramenta” de pesquisa, buscamos despertar um maior interesse dos alunos pela História e pelo contexto histórico atual. O objetivo que norteou a prática docente foi estimular a curiosidade para uma melhor compreensão do momento presente, com suas implicações para a realidade social que vivenciamos.

Contudo, é preciso considerar os interesses políticos divergentes no cenário nacional e mundial contemporâneo e as incertezas de muitas informações circuladas na internet ou sites de redes sociais. No momento em que o professor lança mão de ferramentas virtuais se faz imprescindível advertir os discentes sobre a busca de fontes confiáveis, além de alertar que nem sempre é incluída a visão de um historiador profissional ou de pessoas comprometidas com o conhecimento histórico (FERREIRA & FRANCO, 2009).

Ao utilizar como recurso pedagógico as redes sociais, ambiente que as últimas gerações se apropriam de forma espontânea e recorrente, cabe ao professor buscar amplia

as possibilidades de uso deste espaço de “encontro” virtual. Raquel Recuero afirma que:

Rede social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo; suas conexões são os laços sociais que compõem os grupos (RECUERO, 2009, p.29).

Por ser um ambiente onde interagem grupos e interesses diversos, é preciso alertar que interpretações distorcidas da História, assim como dos fatos do tempo presente, têm sido igualmente divulgadas nas redes sociais. De tal forma, o uso pedagógico deste recurso virtual requer critérios bem definidos previamente pelo docente e um olhar atento para as possibilidades de interpretação e aproveitamento do conteúdo “recebido” em uma rede social. Como sugere Margarita Gomez (2010):

O mundo das redes sociais é relativamente novo. Os programas de redes sociais, sejam pessoais, temáticas ou profissionais, na realidade não foram criados para atividades educativas, embora nas escolas se estejam usando alguns deles. A rede é mais um espaço da escola contemporânea que necessita orientação e cuidado para se transformar em um dispositivo pedagógico (GOMEZ, 2010, p.88-99).

Neste cenário de infinitas possibilidades, destaca-se a rede social escolhida para este estudo de caso. O Facebook é uma das redes sociais que mais cresceram nos últimos anos. Ele foi criado pelo universitário Mark Zuckerberg em 2004, com o objetivo de criar um espaço de conexão e comunicação entre os estudantes da Universidade de Havard (EUA). O sucesso da rede foi tão grande que rapidamente se expandiu para todo o mundo. Além de possibilitar a conexão entre pessoas de diferentes espaços geográficos, o compartilhamento de informações e a interatividade de forma dinâmica, ele agrega variados recursos midiáticos, como imagem, vídeo, áudio, texto e hipertexto (RABELLO&HAGUENAUER, 2011).

O Facebook possibilita a interatividade a partir da disponibilidade de vários recursos, fazendo com que informação e conhecimento ganhem um movimento dinâmico. O diálogo com as informações obtidas leva ao imediato questionamento e discussão dos conteúdos dos fatos. Pierre Lévy (2010, p.159) afirma que “qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber”. Com a configuração de novos modelos de interação e espaço de conhecimento, o ensino de história encontra diversos desafios.

No contexto presente, é consenso entre a maior parte dos historiadores e professores de história, que o foco de ensino se encontra na tarefa de “formar um cidadão comum que necessita de ferramentas intelectuais variadas para se situar na sociedade e compreender o mundo físico e social em que vive” (BITTENCOURT, 2004, p.47).

Diante das demandas de uma realidade social dinâmica, onde as TIC's abrem espaço para novas formas de interação, sociabilidade e acesso ao conhecimento, o professor de história deve estar atento para a incorporação de novas linguagens em sua prática docente. De acordo com Ferreira (1999, p.131), cabe ao Ensino de História estimular os alunos a: “terem um vivo interesse pelos acontecimentos do mundo; serem agentes e atores do processo histórico e não pessoas passivas diante do tempo; terem uma atitude crítica e reflexiva dos fatos que são veiculados pelos diversos meios de comunicação (...)”.

Aplicação e método

Os sujeitos da pesquisa foram 25 discentes do 9º ano do Ensino Fundamental, matriculados no período matutino, com a faixa etária entre 14 e até 17 anos. Do total de alunos/as, 4 alunas informaram à professora que não possuíam conta ativa no Facebook. Todas elas são residentes na zona rural do município. A docente da disciplina, uma das autoras deste estudo, atuou como observadora direta da pesquisa. Em todo o processo, o foco das observações esteve na participação, motivação e colaboração dos/as alunos/as, assim como na verificação das condições possíveis de construção da aprendizagem histórica a partir da atividade de pesquisa proposta no Facebook.

A abordagem da pesquisa foi quali-quantitativa. No âmbito da abordagem qualitativa, foi realizada a observação sistemática em sala de aula em diferentes momentos: ao propor a atividade de pesquisa, ao “tirar as dúvidas” em aulas posteriores diante das declarações de dificuldade de acesso ou compreensão da atividade proposta, e especialmente no momento da apresentação oral de cada grupo de alunos/as, onde se observou a produção e o nível de compreensão da relação passado-presente, ou melhor, entre os temas de pesquisa expostos em sala e as postagens extraídas do Facebook.

No âmbito da abordagem quantitativa, foi aplicado um questionário com perguntas de múltipla escolha e uma pergunta aberta. Este método de coleta de dados foi útil para que pudessemos identificar as percepções dos/as estudantes sobre o uso do Facebook como ferramenta de pesquisa, suas motivações mais comuns para acessar essa rede social, as dificuldades ou facilidades em identificar as relações entre os conteúdos da rede social com o tema estudado, a percepção do tempo presente como encadeamento do processo vivido no passado.

De modo geral, as perguntas do questionário foram elaboradas com o intuito de verificar as potencialidades da pesquisa no Facebook como facilitadora do processo de ensino-aprendizagem, além do despertar da motivação para novas pesquisas sobre o conteúdo da disciplina história em sua atualidade.

Os temas de História Contemporânea pesquisados, pertinentes ao conteúdo curricular do 9º ano, foram: “Neonazismo ou nazismo”, “Fascismo e pensamento fascista na atualidade”, “Segunda Guerra Mundial e suas repercussões”, “Bombas atômicas no Japão e o uso de armas nucleares hoje” e o “O antissemitismo e o Holocausto”. Os temas de pesquisa têm sido tratados com frequência em páginas voltadas ao Ensino de História e/ou Historiografia, assim como em páginas de conteúdo jornalístico-informativo. De tal forma, as páginas indicadas foram: “Quebrando o tabu”, “Pragmatismo político”, “BBC Brasil”, “Carta Capital”, “Ensinar

História”, “Leitura Obrigahistória”, “Meu professor de História”, “Revista Aventuras na História”, “Café História”, “Acervo do conhecimento histórico”.

Os/as alunos/as foram advertidos que poderiam encontrar postagens em diferentes formatos, como matérias jornalísticas, vídeos, imagens, relatos de vida ou textos críticos. A atividade de pesquisa proposta aos discentes consistia em: identificar e selecionar postagens no Facebook relacionadas com o tema de pesquisa destinado a cada grupo de alunos; todos deveriam apresentar uma sugestão de postagem para ser discutida entre seu grupo; posteriormente cada grupo entraria em consenso para escolher a postagem a ser debatida; apresentar diante da turma a postagem selecionada em debate intermediado pela professora; estabelecer relações do seu tema de pesquisa com a postagem apresentada. As alunas que informaram não ter uma conta no Facebook foram orientadas a realizar a pesquisa em livros de História na biblioteca da escola.

Resultados e discussões

Foram formados 5 grupos. Cada grupo contava com 5 ou 6 alunos/as. O grupo 1, com o tema “Neonazismo ou nazismo”, selecionou a postagem intitulada “Neonazismo: o novo velho ódio”, encontrado na página “Revista Aventuras na História”. Neste grupo havia 3 das alunas da zona rural que não possuem conta no Facebook, contudo, as mesmas apresentaram aos colegas material pesquisado em sites de busca referente ao tema. Todos do grupo relataram dificuldades para uma compreensão adequada das repercussões do nazismo nos dias de hoje e para selecionar a postagem, contudo este tema em específico tem sido recorrente em todas as páginas indicadas.

O grupo 2, com o tema “Fascismo e pensamento fascista na atualidade”, selecionou uma postagem da página “Meu professor de História”, que continha a imagem de um Deputado Federal, com a frase “O fascismo é fascinante e deixa gente ignorante fascinada”. No print dos alunos não havia a data da postagem. No decorrer da apresentação, o grupo não conseguiu explicar satisfatoriamente como se “pratica” o fascismo nos dias atuais, o que exigiu mais considerações da professora com a intenção de elucidar o assunto.

O grupo 3, com o tema “Segunda Guerra Mundial e suas repercussões”, selecionou uma postagem da página “Revista Aventuras na História”, intitulada “A festa e a fúria: O dia-a-dia do Brasil na Segunda Guerra”. Na exposição, os alunos informaram detalhes relevantes da participação do Brasil na Segunda Guerra, que foram bem além do que já havia sido comentado no momento da exposição da docente sobre o tema ou do conteúdo disponível no livro didático.

O grupo 4, com o tema “Bombas atômicas no Japão e o uso de armas nucleares hoje”, selecionou uma postagem da página “Revista Aventuras na História”, que continha uma postagem intitulada “Nagasaki: A outra bomba atômica”, com um texto e uma imagem fazendo alusão aos 72 anos completados de lançamento da bomba atômica na cidade de Nagasaki. Os/as alunos/as que fizeram a exposição deste tema provocaram interesse dos demais, que fizeram perguntas e considerações sobre as bombas atômicas.

O grupo 5, com o tema “O antissemitismo e o Holocausto”, selecionou uma postagem da página “BBC Brasil”, que continha uma postagem intitulada “Rachel, Irina, Mônica: ‘as identidades que me fizeram sobreviver ao Holocausto’”, um depoimento de uma sobrevivente dos campos de concentração nazista. Um dos alunos deste grupo se mostrou particularmente tocado pelo o que descobriu a respeito do Holocausto, expondo informações adicionais as que foram relatadas no depoimento. Afirmou que havia se emocionado ao ver fotos dos campos de concentração nazistas.

A aplicação do questionário foi útil para que os pesquisadores tivessem uma dimensão mais precisa da interação entre a atividade proposta e a aprendizagem que os alunos obtiveram através do uso do Facebook. Desse modo, sintetizar as informações através de gráficos permitiu maior clareza na discussão dos resultados obtidos. O questionário continha 10 perguntas, sendo que 9 foram perguntas fechadas (de múltipla escolha) e 1 pergunta aberta.

A pesquisa ocorreu na turma de 9º ano do Ensino Fundamental, no horário da aula de história. Foram aplicados 25 questionários entre todos os discentes matriculados e frequentes. As primeiras questões se referiam a informações como: sexo, local de residência e idade, pontos importantes para iniciar a discussão dos dados e definir como maior precisão o perfil dos/as alunos/as da turma.

Dos 25 alunos, 14 alunos identificaram-se como do sexo masculino, ou seja, 56% enquanto que aqueles que se identificaram como do sexo feminino foram 11 alunas (44%). Apesar da escola estar situada na parte urbana do município de Conceição do Araguaia, ela recebe alunos provenientes da zona rural. De tal modo, para análise da pesquisa, foi perguntado aos alunos em que zona, urbana ou rural, eles residem. Obteve-se os seguintes dados: 15 alunos (60%) são residentes da zona urbana, enquanto 10 alunos (40%) são residentes da zona rural do município.

Antes de iniciar o questionário propriamente dito, perguntou-se ainda a idade desses alunos (faixa etária) chegando assim à conclusão que os alunos dos 9º ano têm entre 14 e 17 anos de idade, sendo que dos 25 alunos a idade ficou assim distribuído: 05 alunos (20%)

disseram ter 14 anos; 15 alunos (60%) disseram ter 15 anos, enquanto que os alunos que disseram ter 16 e 17 anos totalizaram 3 e 2 alunos respectivamente (12% e 8% respectivamente).

Previamente à aplicação do questionário, a professora identificou a quantidade de alunos/as que possuíam conta ativa na rede social Facebook, passo importante para definir quantos alunos realizariam a pesquisa extraclasse tendo como ferramenta a rede social em estudo.

Do total de 25 alunos/as, 21 alunos (84%) disseram possuir uma conta ativa no Facebook, enquanto 04 alunas (16%) disseram não possuir conta ativa no Facebook. Nesse ponto se mostrou importante identificar o local de residência dos alunos, pois ficou perceptível que, por morarem na zona rural do município, muitos não possuem acesso ou possuem acesso restrito a alguns tipos de tecnologias da informação e comunicação. As 4 alunas que relataram não ter Facebook são residentes na zona rural. Desse modo, a partir da pergunta 02, essas estudantes não fizeram parte da amostragem quantitativa da pesquisa. Com isso, foram utilizados como base de cálculo apenas os dados de 21 alunos/as que possuem conta ativa no Facebook.

A frequência no acesso da rede social Facebook foi outra indagação feita no questionário. Apesar da maioria dos alunos dizerem acessar “Regularmente” o Facebook representando 15 alunos (71,4%), os que disseram fazer acessos “Eventualmente” foram 04 alunos (19%) e existem aqueles que dizem usar o facebook “Raramente” totalizaram 02 alunos (9,5%).

Constatamos que o número cada vez maior de pessoas que acessam o Facebook ou outras redes sociais regularmente se dá principalmente pela popularização dos aparelhos celulares mais modernos, os smartphones, além também da ampliação da rede de telefonia móvel na região do Sul do Pará. É preciso frisar que mesmo com os avanços tecnológicos, ainda existem pessoas e localidades que quase não possuem nenhum contato com essas tecnologias, principalmente pelo fato de morarem em zonas distantes e de difícil acesso. Essa realidade reflete um quadro recente historicamente na região do Sul do Pará.

A pergunta 3 do questionário, buscou mensurar o interesse e curiosidade dos alunos quanto à história, nos seus acessos anteriores à atividade proposta. A pergunta feita foi: “nos seus acessos ao Facebook, você já havia observado e/ou lido postagens relacionadas a conteúdos estudados em História?” Utilizando das respostas, onde 71,4% (15 alunos) nunca haviam observado/lido conteúdos relacionados à história e 28,6% (6 alunos) já haviam observado/lido, ficou evidente que os alunos pouco se interessam por postagens relacionadas

ao estudo de história. Entendemos que o uso do Facebook e de outras redes sociais ainda está basicamente atrelado, na concepção dos estudantes, a fazer amigos e/ou conversar com os amigos.

É perceptível, também, que o uso do Facebook como ferramenta didático-pedagógica ainda não foi estimulado em nossos alunos. Cabe então, aos professores, propor novas atividades e difundir junto aos seus discentes o uso do Facebook como ferramenta de pesquisa, fonte de informação e espaço de discussão.

Na pergunta 4, buscamos analisar o grau de dificuldade/facilidade em identificar a postagem referente ao tema de sua pesquisa. Essa indagação foi útil na compreensão das dificuldades do alunos quanto ao conteúdo estudado e na sua capacidade de relacionar o mesmo com outras fontes de informações que ultrapassam a linguagem usual do livro didático.

Desse modo, obtivemos as seguintes informações: 19% (4 alunos) tiveram muita facilidade, enquanto que 19% (4 alunos) disseram ter tido facilidade em identificar as postagens, já os que disseram ter tido dificuldade somaram 57,1% (12 alunos) e somente 1 aluno (4,8%) diz ter sido muito difícil identificar a postagem. Nesse sentido, observamos que mesmo sendo exímios utilizadores das redes sociais, os estudantes ainda possuem dificuldades na utilização do mesmo como ferramenta didática, pois apenas usam-no como meio de comunicação e interação social.

Para compor uma impressão geral sobre o uso do Facebook como ferramenta de ensino-aprendizagem, perguntou-se aos alunos se os mesmos tiveram curiosidade de ler outras postagens dentro da página ao qual fizeram sua pesquisa. Grande parte, 57,1% (12 alunos) disse ter tido curiosidade de ler outras postagens, porém uma parte significativa 42,9% (9 alunos) afirmou não ter tido curiosidade em ler outras postagens, demonstrando assim que alguns estudantes ainda precisam se habituar a utilizar o facebook como ferramenta didática, sem que o professor delimite as condições da pesquisas.

Na questão seguinte, o discente poderia escolher até duas opções para caracterizar seus interesses no uso da rede social. Dentre os 21 alunos, 9 alunos (42,9%) identificaram como uma das opções que utilizam o facebook para fazer amizades; enquanto que 19% (4 alunos) marcaram como uma das alternativas que usam o facebook para informa-se; outros 4 alunos (19%) disseram usar o facebook para buscar novos conhecimentos; já os que marcaram a opção de utilização do facebook como ambiente de conversa e atualização sobre seus amigos representaram 57,1% (12 alunos) e sendo a opção mais marcada pelo alunos está a do uso do facebook para passar o tempo representando assim 61,9% (13 alunos) demonstrando assim que

os alunos não conseguem visualizar na plataforma facebook um ambiente que permearia o aprendizado técnico-científico ou escolar dos mesmos.

A sétima pergunta do questionário desejava saber se eles concordavam totalmente, concordavam parcialmente ou discordavam que o uso do facebook, com suas páginas e ferramentas, poderia colaborar no seu aprendizado na disciplina de história. 10 alunos (47,6%) disseram concordar totalmente que o facebook colaborava com seu aprendizado na disciplina de história; aqueles que concordavam parcialmente com essa afirmação foram 10 alunos (47,6%), enquanto apenas 1 aluno (4,7%) discordou dessa afirmação.

Apesar da maior parte dizer que concorda com a afirmação de que o facebook pode colaborar no aprendizado da disciplina, consideramos que o número de estudantes que fazem uso do facebook como ferramenta de aprendizagem escolar ainda é muito pequeno, demonstrando assim que deve haver um empenho maior na utilização dessa rede social em sala de aula.

A pergunta 8 desejava saber se os alunos compreenderam como os temas estudados repercutiram no tempo presente, visto que os mesmos encontram-se disponíveis no Facebook. 90,5% afirmou ter compreendido, enquanto que 9,5% afirmou não ter compreendido. Essa pergunta foi fundamental para que pudéssemos avaliar os impactos da pesquisa no que se refere ao ensino-aprendizagem em História, uma vez que a análise crítica do conteúdo é item importante para definir se a atividade foi ou não satisfatória.

A pergunta 10 do questionário buscou conhecer as impressões dos alunos sobre a atividade de pesquisa no Facebook, portanto foi feita uma questão aberta e dissertativa para que os mesmos pudessem fazer seus relatos particulares. Numa visão geral, percebeu-se que os/as alunos/as estavam descobrindo um “mundo novo” dentro de um espaço já conhecido por eles, o Facebook. Alguns relatos corroboram esta análise: *“É bom pesquisar no facebook, porque tem muitas pessoas dando os seus comentários sobre o tema ou matéria de história”*; enquanto que outro (a) aluno (a) diz: *“Eu acho muito bom porque o facebook, ele é uma rede social muito atualizada e lá você pode fazer varias pesquisas interessantes, que até eu não sabia”*.

Quando o aluno cita os comentários deixados nas postagens referentes aos temas estudados, visto que o hábito de adicionar comentários nas postagens é uma prática conhecida e utilizada pelos alunos, a percepção de um debate virtual sobre o conteúdo da história aparece como uma novidade intrigante.

Com relação à atividade de pesquisa como motivadora ao ensino de História, citamos o seguinte relato: *“Eu acho que o facebook ou a pesquisa ajuda e ensina a todos que são*

interessados em história”; enquanto outro diz: *“Eu acho que tem muitas coisas sobre a disciplina de história interessante no facebook”*.

Em algumas respostas, observou-se a dificuldade em desassociar o Facebook da interação com contatos sociais/amizades. Nesse sentido, citamos: *“Ele me ensina a ter amigos diferente e conhecer mais pessoas”*; enquanto outro relatou: *“Ele me ensina conhecer mais pessoas e novas amizade e saber das notícias que acontece”*.

Quanto à contribuição da pesquisa realizada para uma melhor percepção do tempo presente, citamos o seguinte relato: *“Hoje na atualidade, ainda ocorre muitas coisas que aconteciam antigamente. Por exemplo o fascismo, há muitos políticos que praticam o fascismo”*.

Sabemos que o professor é o responsável pelo direcionamento correto dessa aprendizagem, por isto só foi permitido que postagens das páginas indicadas fossem utilizadas pelos alunos. A professora também advertiu que muitos comentários feitos no Facebook podem trazer interpretações pessoais e distorcidas da história. É primordial que o aluno seja o agente de seu próprio aprendizado, porém cabe ao docente acompanhar de perto **“o que”** e **“onde”** os estudantes estão pesquisando, selecionando aquilo que realmente promoverá uma aprendizagem significativa dos mesmos.

Considerações finais

Os estudos e a pesquisa aplicada nos permitiu revisitar algumas concepções, na medida em que analisamos as dificuldades e o desempenho dos/as alunos/as diante da atividade de pesquisa proposta. Na tentativa de compreender a relação do público adolescente com informações cotidianamente compartilhadas em uma das redes sociais mais utilizadas, percebeu-se um distanciamento entre a percepção do Facebook como espaço de socialização e entretenimento e deste como instrumento de pesquisa e fonte de informações úteis ao aprendizado. Para boa parte dos/as alunos/as, essa dicotomia parece difícil de ser superada.

É perceptível que ainda há muito a ser feito para que a maioria seja capaz de se atentar e desenvolver essas analogias, percebendo uma “história viva” manifestada em seu cotidiano e no seu contexto social particular. Acreditamos que o uso continuado de propostas pedagógicas envolvendo redes sociais como o facebook poderia viabilizar esse avanço na postura dos/as estudantes, assim como nas suas capacidades críticas perante o ensino-aprendizagem de história. Evidentemente tais avanços serão mais viáveis diante do aperfeiçoamento de

metodologias de ensino de história envolvendo redes sociais e, acima de tudo, da disposição docente para a elaboração de tais metodologias e propostas de ensino.

A atividade pedagógica focalizada neste estudo se mostrou desafiadora, na medida em que foi desenvolvida pela docente e pelos alunos/as como uma ‘descoberta’ de possibilidades para todos os envolvidos. Mas especialmente para estes últimos, um novo espaço de pesquisa e extensão da sala de aula foi explorado, uma forma inédita de troca de informações e conhecimentos sobre a história foi estimulada, um novo meio de atualização sobre as notícias do cenário nacional e mundial foi percebido.

Para a docente, a experiência de ensino reforçou o entendimento de que a desconstrução de práticas de ensino-aprendizagem tradicionais são urgentes no ensino de história. A pesquisa endossou, também, que diante do atual contexto político-social e da necessidade de inserção das tecnologias de informação e comunicação (TICs) disponíveis, é evidente a demanda por inovações no ensino. Como destaca Pierre Lévy (2010, p. 160).

Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em ‘níveis’, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes ‘superiores’, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva.

Entendemos que o uso das redes sociais pode promover novas vivências e experiências aos alunos/as, contribuindo também para alterar o caráter abstrato de um ensino de história “preso” ao passado e ao livro didático. Na concepção e no desenvolvimento do processo desta pesquisa, utilizamos como princípio o desejo de estimular habilidades e competências através do ensino de História que buscam “desenvolver nos estudantes domínios procedimentais de pesquisa histórica no espaço escolar e atitudes intelectuais de desmistificação de ideologias, da sociedade de consumo e dos meios de comunicação de massa” (Parâmetros Curriculares Nacionais – História).

É necessário destacar que o Facebook, visto como ferramenta contemporânea de informação, geradora de debates políticos e culturais, ainda que presente no cotidiano de um número significativo de jovens e professores/as, possui contribuições inexploradas no que se refere à pesquisa e construção do conhecimento histórico escolar. Consideramos que esta rede social, por intermédio de grupos e páginas comprometidas com o ensino de história, utilizada com direcionamento responsável e atento do/a docente, pode promover experiências diversas e instigar interpretações, induzir o gosto pelo conhecimento histórico e a formação de opinião

crítica. De tal modo, também é estimulada a atuação do/a estudante como agente de seu próprio aprendizado, no intuito de construir “um pensamento autônomo e ativo, o que, sem dúvida, contribui para desenvolver nos alunos a capacidade de pensar historicamente” (BERUTI & MARQUES, 2009, p.150).

Por fim, é preciso enfatizar que o estudo da interlocução entre ensino de história e o uso pedagógico e direcionado do Facebook, oferece também o acesso à reprodução de documentos históricos (textuais e visuais), textos que resultam de pesquisas recentes na área contendo questionamentos de “verdades históricas” percebidas nos livros didáticos e aprofundamentos teórico-conceituais pouco utilizados no ensino de história. Entendemos, em suma, que o uso do Facebook pode gerar um ambiente virtual de aprendizagem construtivo, sempre que usado pedagogicamente de modo refletido e comprometido.

A atividade proposta corroborou e despertou o interesse, por parte da docente e de parte significativa da turma, de elaboração e execução de novas atividades pedagógicas envolvendo redes sociais e tecnologias. Aproveitada como ambiente de informação e pesquisa, com potencial de gerar habilidades e competências, a rede social mais utilizada pelos jovens no Brasil pode ser extremamente útil ao Ensino de História.

Referências:

BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História**. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.) O saber histórico na sala de aula. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.11-27.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental. História**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999. 4v.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1997.

GOMEZ, Margarita V. **Cibercultura, formação e atuação docente em rede: guia para professores**. Brasília: Liberlivros, 2010.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. “A importância das novas tecnologias no ensino de História”. In: *Universa*, Brasília, nº 1, p. 125-137, fevereiro de 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes e FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Ed. 34, 2010.
MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

RABELLO, Cintia Regina Lacerda e HAGUENAUER, Cristina. **Sites de Redes Sociais e Aprendizagem: Potencialidades e Limitações**. In: Revista EducaOnline, Vol. 5, nº 3, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.